

# OS HUMILHADOS

RUBEM BRAGA

DOIS jornais conhecidos, um do Rio, outro de São Paulo, vão passar agora para suas novas sedes. Trata-se de prédios modernos e confortáveis em que os trabalhadores de jornal dispõem de todo o conforto. Alguns jornais já se instalaram assim. Aos poucos vão sumindo as redações escuras e sujas, de sobradinho; e os elevadores substituem a clássica "escada da redação".

Longos dias e noites de minha mocidade foram vividos nessas salas pobres — debruçado sobre uma velha mesa, a encher rumas de papel. Muitos dos que trabalharam nessas redações que vão sendo abandonadas não as evocarão sem saudade. Estou neste momento a lembrar redações do Rio, de São Paulo, de Belo Horizonte, do Recife — e a salinha térrea do "Correio do Sul" de Cachoeiro de Itapemirim. Quando por acaso ainda visito uma dessas casas, tenho sempre uma certa emoção ao subir a escada escura que tantas e tantas vezes subi pela manhã ou à tarde e tantas vezes desci, cansado, pela madrugada. O pessoal já mudou: apenas dois ou três veteranos estão em seus postos — como se essa profissão tão prêsá ao dia a dia, êsse trabalho interminável de Sisifo a empurrar blocos de palavras e fatos os fizesse de algum modo eternos. Saltando de redação em redação como um trabalhador braçal que vai de fazenda em fazenda, sempre tive uma grande ternura por êsses homens que ficam no seu jornal, como o velho Frontini do "Correio do Povo" de Porto Alegre — os cabelos brancos, a cara vermelha, os bolsos cheios de papéis.

Mas se os jornais vão pouco a pouco se adaptando à vida moderna, deixando a aventura e o patriar-

calismo, há ainda em nossa imprensa hábitos que resistem com uma surpreendente força. Já colaborei em muitas e muitas dezenas de jornais e revistas e posso dar o meu testemunho de que, na maioria, o colaborador ainda é olhado com o que chamarei desprezo tradicional. Não quero me referir aqui aos preços e condições de trabalho, que obrigam o cronista a se esfarelar numa produção monstruosa. Quero apenas citar o hábito, ainda sobrevivente em tantas empresas, de pagar ao colaborador em dia incerto — mas sistematicamente atrasado.

Uma revista pede um artigo. O preço de toda a colaboração dessa revista é uma parte mínima de seu orçamento geral. Pois êsse vale humilde do escritor é sempre a última coisa a pagar. Se a revista se atrasa por qualquer motivo ou conveniência — o pagamento se atrasa. E muitas vezes o pobre diabo que escreve precisa, para receber uma quantia irrisória, de passar quatro, cinco vezes pela redação, de enfrentar o sorriso superior do gerente ou do caixa...

Já existem, felizmente, muitas empresas em que não é assim. Mas existem também muitas — e algumas delas poderosas — em que ainda é assim. A humilhação do escritor continua: êle recebe seu ganho como se recebesse um grande favor. Qualquer vulgar comissão de publicidade que às vezes êle "cava" é dez ou vinte vezes maior do que o preço de um artigo...

Não quero apontar remédios para essa situação amarga. Nem mesmo o redator e o revisor, que trabalham um número certo de horas, estão livres, em certos jornais, do regime horrendo e feudal do pagamento por meio de "vales". A lei, entretanto, já os ampara de maneira mais efetiva — como certamente merecem. Mas o escritor, o cronista, êste continua a ser, em muitos casos, o prejudicado e humilhado. Que fazer, quando se precisa dêsse dinheiro de pobre, e quando a concorrência dos que não precisam é sempre enorme?

26.5.49

159